

A literatura no *Lampião da Esquina*: um lugar de paratopia¹

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva²

Primeiras considerações

O trabalho em tela faz traz reflexões da tese, ainda em andamento, intitulada *Entre práticas e representações: memória e identidade LGBTQIA+ na poesia presente no período Lampião da Esquina*, sob orientação do Professor Dr. Sérgio da Fonseca Amaral do Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a qual visa analisar as vozes poéticas que percorrem a seção literatura do periódico alternativo Lampião da Esquina. Acreditamos que o texto literário, para além de sua apreciação estética é um ato político que discute ideologia vigente em um determinado recorte temporal, por isso pretendemos produzir uma exposição que contemple a seção literatura do periódico alternativo do Rio de Janeiro Lampião da Esquina, que teve circulação pelo Brasil entre os anos de 1978 e 1981, o qual corresponde ao momento de “abertura política” do período ditatorial brasileiro. Esse jornal nanico e de caráter contra hegemônico, apresentava notícias à comunidade LGBTQIA+³. A seção literatura, pode até parecer uma parte mais sensível do jornal, todavia, pode ser entendido como um lugar de enfrentamento em que os autores ali presentes, maior parte deles até então autores ctônicos como Leila Miccolis, Glauco Mattoso e Ulisses Tavares, fazem dos seus corpos, amores e sexualidade uma forma de resistência e enfrentamento à vigente necropolítica oriunda dos anos de chumbo, em que o Estado tem “[...] o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2018, p. 5)”, assim, autoras e autores que escrevem para não desaparecer (FOUCAULT, 1969) e representar uma comunidade não hegemônica.

O Lampião da Esquina teve trinta e sete edições ordinárias, sem contar as três extraordinárias de entrevistas e uma primeira edição especial, a de número zero. Enquanto instrumento de resistência, não tratava só de questões referentes à sexualidade ou aos gays

¹ Texto apresentado como trabalho de conclusão da disciplina *Literatura na interface de outros saberes* do Programa de Pós-graduação em Letras (Ufes), ministrada pela Professora Doutora Júlia Maria da Costa Almeida.

² Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Ufes.

³ Essa sigla ainda não existia no período de circulação do Lampião da Esquina, que apesar de ser um jornal composto por gueis, “[...] com uma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (TREVISAN, 2018, p. 317), trazia notícias que representavam diversos sujeitos dessa comunidade.

(gueis, como a palavra era grafada na revista), mas discorria sobre diversas temáticas e problemas sociais de sujeitos excluídos pela ditadura militar no Brasil: feminismo, ecologia, racismo, ecologia, o amor entre pessoas gays com deficiência; e ainda colocava em pauta possibilidades de alegria para a comunidade LGBTQIA+ daquele momento, como música, arte, cinema, os guetos de pegação... A equipe editorial da revista era composta por homens gays de diferentes campos de atuação: dramaturgos, escritores, jornalistas, críticos de arte e cinema, dentre outros.

Entendemos o Lampião da Esquina como um arquivo da “hétero-cis-militar-brasileira” (ROCHA, 2021), e que, para além de um suporte discursivo, é um instrumento histórico, político e ideológico, o qual mostrava de forma concreta a vivência de sujeitos marginalizados por causa de suas sexualidades não hegemônicas, e que, politicamente falando, não eram representados pelos partidos de esquerda e, muito menos, pelos de direita. O referido material, que atualmente pode ser baixado gratuitamente no site do Grupo Dignidade, contribuiu para a formação de uma identidade LGBTQIA+ brasileira, visto que seu advento ocorre concomitante ao surgimento de primeiros grupos *gays* nacionais, como SOMOS, além de ser um relevante aparato de preservação da memória LGBTQIA+ em nosso país.

Esta exposição tem como *objetivo refletir, brevemente, sobre a autoria dessa literatura ctônica, enquanto lugar de paratopia, no qual a seção do Lampião se encena como um (não) lugar paratópico*. Para conceber nosso propósito principal, outros objetivos e etapas de trabalho contribuirão para tal feitura, como análise dos discursos presentes nessa seção, assim como reflexões acerca da condição de autor/ autora dos escritores que contribuíram com ela – a partir dos estudos de Maingueneau (2006) e Foucault (1969) sobre os conceitos de **paratopia** e **autor**, respectivamente.

Quadro teórico

Maingueneau (2006) se detém na emergência do discurso, incorporando (diríamos até, ampliando) as contribuições do Círculo de Bakhtin no que tange à noção linguística de enunciado, segundo a qual analisar o enunciado literário demanda uma interpretação nas suas dimensões social, histórica e ideológica. Maingueneau pontua que uma obra literária não se fecha em si mesma, pois, sendo um enunciado, pressupõe os enunciadores, nas relações com o dito e com o dizer, com o outro. Em sua abordagem, o sentido do texto

literário é produzido na separação entre as posições de autor e receptor. Pensando na seção “Literatura” do periódico *Lampião da Esquina*, a partir dos estudos de Maingueneau acerca do discurso literário, os enunciados literários ali presentes, vemos, diante desse período de necropolítica, que ali havia possibilidade de dizer. Pretendemos analisar o texto literário do *Lampião* não apenas pelo seu contexto de produção, mas perceber durante este trabalho as condições de enunciação que esses autores tinham para dizer, visto que estavam presentes em um dispositivo nanico, alternativo que, apesar de distribuição de entre 10 e 20 mil exemplares (AFONSO-ROCHA, 2021) em seu tempo de vida, não conseguiu superar o *underground*, o seu lugar de marginalidade social e periférica, visto que:

[...] não se podem separar a instituição literária e a enunciação que configura um mundo, o discurso não se encerra na interioridade de uma intenção, sendo em vez disso força de consolidação, vetor de um posicionamento, construção progressista, através do intertexto, de certa identidade enunciativa, construção progressista, através do intertexto, de certa identidade enunciativa e de um movimento de legitimação do espaço próprio de sua enunciação (MAINGUENEAU, 2006, p.43).

Pensando nesse movimento de legitimação e garantia de espaço de enunciação, o *Lampião da Esquina*, não só a partir do texto literário, dava direito à fala àqueles e àquelas que não tinham em contexto de barbárie. Refletimos ainda, na topografia de interdição desses autores que eram proibidos de falar pela censura, como, por exemplo, Cassandra Rios que foi objeto de duas matérias do supracitado jornal, visto que teve 36 de seus 50 livros censurados pelo regime ditatorial. O autor, segundo Foucault (2015) é um dos princípios de rarefação de um discurso. O autor/ a autora é um sujeito “[...] que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2015, p. 91). Ao pensarmos nos enunciados literários presentes no *Lampião da Esquina*, um periódico voltado para e sobre corporalidades despidas de sua condição de cidadão (AFONSO-ROCHA, 2021), vemos que esses autores estão em uma posição marginalizada, mas em período de ditadura, mesmo em seu momento de abertura, é como se a sociedade civil ignorasse suas vivências como também as literaturas viadas/ bichas/ sapatônicas produzidas por sujeitos com sexualidades não hegemônicas.

Afonso-Rocha (2021) pontua que a ditadura cis-hétero-militar invisibilizava sexualidades, corporalidades e enuciabilidades de gays, lésbicas, transexuais e qualquer outro sujeito que destoasse do padrão cis-hétero-militar imposto por aquela política de morte. Pensando nesses autores, que escrevem/ enunciam para não cair no esquecimento,

partimos da hipótese de que ocupam um lugar de paratopia, um lugar impossível que Maingueneau chama de, em um de seus exemplos em *Discurso Literário* (2006), “[...] uma insuportável condição de homem de talento andarilho que a ordem aristocrática condena à obscuridade” (MAINGUENEAU, 2006, p. 94), um (não) lugar paradoxal e indefinido, onde a figura do autor, enquanto produtor de sua obra, fica entre o que está sendo produzido socialmente e o que poderá ser produzido, em que as condições discursivas vigentes legitimam sua enunciação literária. Essa legitimação de seus discursos, de modo igualmente paradoxal, dá-se nas circunstâncias da ilegitimação dos mesmos discursos sob a censura e da perpetuação de sua memória no escrito, que será lido e relido como arquivo das subjetividades dessa época.

A paratopia pode ser entendida como uma particularidade dos discursos constituintes (os enunciados literário, religioso e político são abarcados nessa categoria): discursos de origem, validados por uma cena/ cenário de enunciação:

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio de uma enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia. Esta é imposta logo de início, mas deve ser legitimada por meio da própria enunciação. Não é simplesmente um cenário; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero discurso (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

Nesse sentido, ao tratarmos do *Lampião da Esquina*, é a ditadura (cis-hétero) militar que autoriza (e desautoriza) a enunciação de sujeitos contra hegemônicos – uma espécie de “ordem do discurso”. A literatura oriunda desse período é de um pertencimento paratópico, porque esses autores, dentro desse paradoxo constitutivo, tentam se manter enquanto autores diante de um regime de censura, o que coloca a seção literatura do *Lampião* em um lugar de paratopia: são autores que pouco ou não conseguem publicar devido ao contexto (exterior) o qual envolve seus textos: a ditadura. Sendo a seção “Literatura” um espaço de arte-ação a partir de subjetividades, sexualidades e corporalidades tidas como incomuns, o seu (não) lugar paratópico, escrito, é que permite a ilegítima legitimação desses sujeitos-autores que escrevem seus enunciados literários na impossibilidade de os dizerem.

Metodologia, resultados preliminares e debate

Para a produção do *corpus* dessa comunicação serão utilizados três procedimentos metodológicos, de viés qualitativo: a) a pesquisa bibliográfica, para percebermos como essa função “autor” se apresenta na seção “Literatura” do nanico *Lampião da Esquina* e como essas subjetividades hoje são instrumento de resgate e representação de uma memória LGBTQIA+ nacional, visto que um discurso constituinte (em nosso trabalho, o texto literário), independentemente do gênero discurso que o envolve, em sua posição paratópica, confere sentidos às ações de coletividades e fundem na e por sua enunciação: enunciadores legitimados que contribuem para a elaboração de uma memória (MAINGUENEAU, 2006; 2015); b) a revisão documental, a partir das análises da seção “Literatura” do *Lampião da Esquina* – que pode ser baixado/ acessado no site do Grupo Dignidade; c) análises do enunciado literário, de forma crítico-reflexivo a partir da Análise Crítica de Discurso, de Fairclough (2012) e outros linguistas que se debruçaram sobre essa disciplina.

Ao longo de nossas análises da seção “Literatura” do *Lampião da Esquina*, percebemos que ela apareceu em 23 edições das 41 publicadas. Essa seção era organizada por Glauco Mattoso ou Gasparino Damata, ambos escritores. As edições supracitadas traziam os respectivos autores: a) Edição especial (de nº zero) com Leila Miccolis e Franklin Jorge; b) Edição nº01 com textos de Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Sosígenes Costa; c) Edição nº 3 com Jean Genet, Políbio Alves e Tony Pereira; d) Edição nº 04 com Constantino Cavali; e) Edição nº 13 com duas poesias de Fernando Pessoa; f) Edição nº 14 com dois poemas de Mário de Andrade; g) Edição nº 15 com poemas de Renata Palottini, Ulisses Tavares e Fernando Wide; h) Edição nº 16: Antônio Botto; i) Edição nº 17 com Valério Perellechin e José Renato Pimentel e j) Edição nº 18 com Mário Faustino – muitos desses nomes até então não faziam parte de uma tradição textual (FOUCAULT, 1969). Observamos também que, mesmo sendo um periódico nanico do período ditatorial brasileiro, a poesia do *Lampião* não trata especificamente da ditadura, mas de subjetividades que acompanham a escrivência de sujeitos que estavam à margem da sociedade da época.

Percebemos que o jornal traz autores tidos consagrados, como Fernando Pessoa e Mário de Andrade, o que explicamos como uma forma de legitimar essa seção como uma instituição literária, uma vez que ela traz na maioria das vezes autores ctônicos no que

tange ao *metiê* literário naquele momento como Leila Miccolis, Antônio Botto e Mário Faustino. Para analisarmos esse lugar paratópico, trouxemos a Edição de nº 15⁴, a qual pretendemos analisar o seu conteúdo verbo-imagético da capa, a partir da Análise Crítica do Discurso, assim como suas chamadas e, ainda discorrer brevemente acerca da literatura presente nesse número a partir de um dos poemas nela presentes. Objetivamos ampliar, futuramente, essa investigação com a análise de outros números do *Lampião da Esquina* que foram constituídos pela seção “Literatura”.

Para ilustrar nossas proposições trouxemos a Edição de nº 15 do *Lampião* e traçaremos a nossa análise a partir de uma Análise Crítica de discurso, visto que “a ADC, tem em seu escopo uma teoria social crítica interligada a um campo de pesquisa que intenta operar mudanças nas relações sociais de poder e dominação [...] objetivado estreitar cada vez mais o elo entre o social e o linguístico” (BARROS, 2018, p. 47). A capa em questão, por meio de uma representação verbo-imagética, traz uma pauta social como manchete principal, o racismo e trata de uma entrevista com Abdias do Nascimento (1914-2011), um dos maiores representantes da cultura negra no Brasil e no mundo, o qual fundou o Teatro Experimental do Negro. A capa é composta ainda por uma citação de autoridade: “Democracia racial é o governo da minoria branca”, no intuito, acreditamos, de despertar o interesse do leitor não hegemônico de uma união de classes no intuito de rumar à deslegitimação da hegemonia branca.

A capa também traz um sujeito gay travestido de anjo, com estrela na cabeça e com a edição de número zero do *lâmpião* em mãos, com o seguinte enunciado abaixo da fotografia: “De bicha, crioulo e louco todo mundo tem um pouco” parodiando a expressão idiomática “de médico e louco todo mundo tem um pouco” – incitando de que qualquer brasileiro pode ser bicha ou negro e que essas características de sexualidade e raça deveriam ser tidas como normais.

A capa dessa edição traz mais três chamadas, enumeradas ordinalmente ao lado esquerdo: 1º) “Jogador de futebol e madrinha do time”, que traz uma aproximação de dois termos de gêneros opostos: “jogador e madrinha” para representar o jogador gay Pompílio Garcia, na época com 31 anos, do paulista Clube Atlético da Boa Vontade; 2º) “O jogo

⁴ Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf> >. Acesso em 18 de ago de 2023.

do século: Gays 1 X 0 Polícia”, apontando para a comemoração de 26 de junho, que alguns países é comemorado o Dia do Orgulho *Gay* (hoje LGBTQIA+), com um jogo de futebol em Nova York entre bichas e policiais, em que as bichas ganham após muita preparação e derrotas anteriores.; 3º) “Quem tem medo de Sidney Magall?” que trata de uma notícia sobre a produção artística de Sidney Magall, naquele momento, mediada por Paulo Coelho quando atuava no ramo da indústria musical.

A seção “Literatura” traz uma minibiografia de Renata Pallontini, além de um poema seu e de mais dois autores: Ulisses Tavares e Fernando Wide. Nesse número, especificamente, há divulgação de um livro do Aguinaldo Silva, *No país das sombras* (1979), novela que trata de um romance homoerótico entre dois soldados; e a divulgação da antologia de contos *Queda de Braços*, que segundo o periódico é “Uma antologia de contistas mal comportados, danados, lampiônicos, satânicos, bêbados, travessos e nem um pouco deslumbrados, organizada por Glaucio Matoso e Nilton Maciel” (LAMPILÃO DA ESQUINA, ANO 2, Nº 15, 1979). Percebemos que essa seção é um dos poucos lugares em que o trabalho desses escritores ctônicos, calados pela censura da ditadura hétero-cis-militar, pode circular, visto que destoam de uma determinada ordem discursiva, e chegar aos seus pares. Ainda notamos que os textos literários ali presentes dialogam com as notícias do referido número do nanico, como é o caso da poesia “Distância”, de Ulisses Tavares:

O índio não pode caçar.
O negro não pode falhar.
O poeta não pode sonhar.
O homossexual não pode amar

Das minorias
nenhuma dessas
(consolo e esperança)
é aquela que decreta
que a maioria não pode comer (TAVARES, 1979, p.08).

O poema acima possui apenas duas estrofes com versos irregulares que são colocados em tela, na mesma estrofe com rimas emparelhadas, juntamente do poeta, o indígena, o negro e o homossexual, os quais não determinam os fluxos de uma vida em sociedade. Os substantivos abstratos, consolo e esperança, na segunda estrofe composta por rimas brancas, são equiparados às minorias citadas anteriormente – distantes de uma estabilidade social, dialogando assim com o título do poema. A partir desse poema de

nosso recorte, notamos que a função do autor é uma particularidade de uma existência social e do funcionamento de certos discursos em uma dada sociedade (FOUCAULT, 1969).

Acreditamos que, conforme a pesquisa for desenhada, outras contribuições teórico-metodológicas poderão ser acrescentadas, em diálogo com o material que está sendo analisado para a tese.

Apontamentos para discussão

O aporte teórico evidenciado possibilitou perceber a relevância do referido objeto de pesquisa, especialmente à reflexão acerca da seção “Literatura”, do *Lampião da Esquina*, constituída por sujeitos que produzem um tecido textual literário, no entanto, não puderam ocupar esse local, por conta da ditadura cis-hétero-militar vigente – autores que tinham suas condições de dizer censuradas, pois, geralmente, não podiam fazer a sua literatura circular, por isso, consideramos a seção “Literatura”, um lugar de paratopia, porque mesmo que estivessem ali publicando, não era garantido pelos anos de chumbo que pudessem ser lidos.

O desenvolvimento dessa pesquisa nos possibilitará pensar na função do autor, a partir dos literatos e literatas do *Lampião* para além das análises textuais, mas pensando nessas literaturas de resistência que contribuem para a constituição da memória LGBTQIA+ brasileira, principalmente pelo suporte em que estão localizadas: um jornal alternativo guei.

Creemos que até ao fim da produção de nossa tese, outras contribuições poderão consolidar nossa proposta, tais como: Chartier (1999), Fico (2001), James Green (2000) e Taylor (2012) – movimentando um diálogo com a história cultural, a performance, as políticas de morte e os estudos que envolvem o discurso literário lampiônico envolvido pela necropolítica cis-hétero-normativa ditatorial brasileira.

REFERÊNCIAS

AFONSO-ROCHA, Rick. *O perigo cor-de-rosa: Ensaio sobre a deimopolítica*. 1. ed. - Salvador, BA: Devires, 2021.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Edições (1978-1981). Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/> >. Acesso em 20 de dez de 2021.

LAMPIÃO DA ESQUINA, ANO 2, Nº 15, 1979. Disponível em: < Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf> >. Acesso em 18 de ago de 2023.

BATISTA JR, J. R.; MELO, I. F.; SATO, D. T. (Org). *Análise de Discurso Crítica: para linguistas e não linguistas*. São Paulo. Editora Parábola, 2018.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. In: *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant / A Ordem do Discurso*; tradução: Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail e Laura Fraga de Almeida Sampaio - São Paulo: Folha de São Paulo, 2015 - Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, v: 6), p. 81 -110.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ed. Forense Universitária.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*; tradutor Adail Sobral. - São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*; tradutor Sírio Possenti. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4ª ed, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.